

RESUMOS DE E DISS

RESUMOS DE TESES
E DISSERTAÇÕES

AGE AND SOCIAL IDENTITY AMONG THE XAVANTE OF CENTRAL BRAZIL

Ph.D. Dissertation. Department of Anthropology, School of Liberal Arts, Tulane University, New Orleans, 2009.

This dissertation examines age organization as an aspect of social identity among the Xavante, an indigenous people in Central Brazil. The Gê-speaking Xavante are among Brazil's most populous indigenous peoples, with over 10,000 individuals in indigenous reserves located in Mato Grosso State. Xavante society, particularly its dual structural aspects and ceremonial expressions, factored importantly in anthropological discussions regarding social structure of Central Brazilian indigenous societies. The objective of this research was to investigate ethnographically how notions of age are implicated in the contemporary experience of daily social life. In this dissertation, simultaneously emphasizing structure and praxis, I seek to show that multiple configurations of age engage in a lively and specific manner a complex field of perceptions of sameness and otherness with important implications for other ethnographic issues of broad relevance in Xavante society. It is based on fourteen-months of fieldwork carried out in the Pimentel Barbosa/Etênhiritipá community, with a total population of over 575 people. This community comprises descendants of the same population studied by David Maybury-Lewis in the 1950s and 1960s. I argue that age is a conspicuous and multifaceted fea-

ture of the social experience that attests to the mutuality and non-opposition of similarity and difference in its diverse manifestations. Thus, Xavante social organization is considered to be profoundly contingent, with age statuses and other aspects of social identity being plural, simultaneous, and interdependent. Evidence to that effect may be found in how the social experience implicates multiple systems of age reckoning, including informal age grades, secular and spiritual age group systems, age set moieties, and genealogical seniority in conjunction with gender and other aspects of social identity. This presentation involves an ethnographic reassessment of the Xavante life cycle that takes into account both its formal and informal properties, attending to previous scholarship regarding the Xavante and other Central Brazilian and Gê societies by demonstrating that age is implicated in diverse aspects of Xavante social life, such as dual organization, notions of relatedness, and cultural traditionalism.

ARQUEOLOGIA DAS CAMPINARANAS DO BAIXO RIO NEGRO: EM BUSCA DOS PRÉ-CERAMISTAS NOS AREAIS DA AMAZÔNIA CENTRAL **Fernando W. Costa**

Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

Na Amazônia Central achava-se que a ocupação pré-colonial resumia-se ao período dos agricultores ceramistas. Essa realidade, que resultava da inexistência

tência de evidências arqueológicas de populações com economia baseada na caça, na coleta e no processamento de recursos líticos, começou a se modificar a partir de outubro de 2001, quando o sítio arqueológico Dona Stella foi localizado. Desde então, com a intensificação das escavações, verificou-se que esse sítio possui uma indústria lítica diversificada, incluindo lâminas bifaciais, pontas-de-projétil e datações entre 9.460 e 4.500 AP. As prospecções mostraram que os locais ideais para encontrarmos tais evidências são as áreas de campinaranas, próximas aos igarapés pertencentes à bacia do rio Negro, onde ocorram afloramentos de arenito-silicificado. Esse modelo foi testado com sucesso em Irlanduba e Manaus, onde identificamos mais de vinte sítios pré-cerâmicos em áreas. Ocorre que a totalidade desses sítios encontra-se parcial ou totalmente destruída e em nenhum deles encontrou-se uma indústria lítica que seja comparável tanto em densidade, quanto em variabilidade tecnológica, à do sítio arqueológico Dona Stella, que, por enquanto, é um caso único na Amazônia Central.

**EN EL CORAZÓN DE LA
AMAZONÍA: IDENTIDADES,
SABERES E RELIGIOSIDADES
NO REGIME DAS ÁGUAS
MARAJOARAS**

Agenor Sarraf Pacheco

Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2009.

Este trabalho fala de viagens, rotas e raízes de populações de tradições orais

marajoaras, detentoras de saberes locais, em mediações com conhecimentos letrados ocidentais. Seus tempos situam-se na confluência de contatos compartilhados, tolerados ou negados entre campos e florestas, surpreendidos em escritas e oralidades de cronistas, religiosos, viajantes, literatos, narradores e outros escritores. O mote inicial destas travessias insere-se nos anos de 1930, quando a Ordem dos Agostinianos Recoletos de Madri assumiu rumos da fé cristã e passou a dirigir ofícios de um catolicismo sacramental em territórios do grande arquipélago. O sentido atribuído, pelos agostinianos, para retomar o elã missionário rompido com a expulsão das ordens religiosas no Consulado Pombalino, reforçou a memória de Padre Antônio Vieira e trouxe o desafio de revisão da documentação produzida pelos regulares para apreender traços identitários, saberes e tradições nativas ou em diásporas no Coração da Amazônia. Estas descobertas levaram o barco da pesquisa a visitar anteriores fronteiras culturais, redes de sociabilidades e conflitos alinhavados por populações indígenas, africanas, mestiças em intermediações com grupos no poder desde o período colonial. Inspirado nos Estudos Culturais com ênfase no pensamento Latino-Americano, os enredos deste texto também problematizam o lugar social concedido pela historiografia Amazônica ao paradisíaco Marajó e às complexas diferenças e semelhanças de constituintes históricos dos Marajós. Por dentro de crônicas, memórias e relatórios confeccionados pelos agostinianos em suas experiências pastorais com moradores da re-

gião, vislumbram-se edificações, orientações, negociações, solidões e limites que dinâmicas de vida em ambientes insulares desconhecidos impõem à condição humana estrangeira. Desse modo, regimes de águas, espaços de campos e florestas transformaram-se em arena de contatos sócio-culturais, por vezes desiguais, insurgentes, envolvendo marajoaras, religiosos, elites políticas e econômicas regionais entre a colônia e emergentes tempos atuais. No âmago desses encontros, trocas e litígios de ontem e de hoje, universos de crenças, rituais e sabedorias locais são fortemente acompanhados em atividades de trabalho, lutas contra enfermidades, batalhas por vivências frente a adversidades e práticas culturais como festas, rezas, cantos, danças, sem perder de vista astúcias, transgressões, (in) tolerâncias comungadas por homens e mulheres marajoaras na reconfiguração e reafirmação de suas identidades culturais afroindígenas.

**MEIOS MÍSTICOS DE REPRODUÇÃO
SOCIAL: ARTE E ESTILO
NA CERÂMICA FUNERÁRIA
DA AMAZÔNIA ANTIGA
Cristiana Barreto**

Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2008.

Esta tese propõe um enfoque na arte e no estilo da cerâmica arqueológica funerária da Amazônia com o objetivo de aprofundar o entendimento sobre as formas de organização social e

as dinâmicas pré-coloniais de ocupação humana da região. Utilizando-nos de conceitos da antropologia social e da antropologia da arte sobre estilo e agência, analisamos os objetos rituais funerários enquanto mediadores e transformadores das relações sociais. Uma incursão exploratória na etnologia de rituais funerários, em particular nas implicações do perspectivismo ameríndio sobre as concepções de humanidade, ancestralidade, morte, corpo e alma na Amazônia, somada a um breve panorama da variabilidade estilística das urnas antropomorfas das diferentes tradições e fases cerâmicas arqueológicas da Amazônia, propomos alguns parâmetros comparativos para a correlação entre estilos funerários e formas de reprodução social. Apresentamos assim um modelo preditivo para diferentes tipos de urna funerária, correspondendo a dois tipos de sociedades indígenas amazônicas; aquelas mais instáveis, autônomas e fechadas, geralmente associadas a grupos de fala Tupi, e as sociedades mais duradouras, abertas e organizadas em amplas redes sociais, tais quais muitos dos povos de fala Arawak ou formações sociais multi-étnicas. Os parâmetros propostos para este modelo são então verificados para o caso particular de um conjunto de urnas funerárias da fase marajoara. Concluímos que a cerâmica ritual e, em particular a funerária, apresenta um enorme potencial analítico para resolvermos algumas incongruências epistemológicas que têm se apresentado entre a arqueologia e a etnologia da Amazônia, notadamente sobre os diferentes princípios de organização social

das sociedades indígenas do passado e do presente.

GESTÃO DO PROGRAMA CALHA NORTE: UM ESTUDO SOBRE AS AÇÕES DE INFRAESTRUTURA NO MUNICÍPIO DE MONTE ALEGRE, PARÁ

Aurilene dos Santos Ferreira

Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento. PLADES/NAEA/UFPA. Belém: Universidade Federal do Pará, 2008.

Concebido originalmente no ano de 1985 como projeto e transformado em Programa em 1997, o Calha Norte tem sido um campo fértil para investigação no meio acadêmico, especialmente no campo da defesa e da segurança nacional. Embora realize seus objetivos de defesa através de investimento social e de obras de infraestrutura por meio de convênios realizados com os municípios da área do Programa Calha Norte (PCN), na fronteira amazônica, considerada estratégica para a defesa, detectou-se uma lacuna nos estudos vigentes, que não enfocam centralmente o PCN do ponto de vista de sua gestão. Este trabalho amplia o debate acerca do PCN nesta direção, buscando compreendê-lo como um programa público, tendo como base a peculiaridade de ser gerenciado por militares no plano mais amplo e por civis no âmbito local. Especificamente esta investigação analisa o processo de gestão e de implementação do PCN no âmbito

de suas ações de infraestrutura no município de Monte Alegre, um dos mais antigos no programa e considerado estratégico para a defesa. A pesquisa procurou responder como se dá institucionalmente o processo de gestão e aplicação dos recursos do PCN, definindo seus principais agentes e, ao mesmo tempo, analisando suas ações resultantes dos convênios firmados entre a prefeitura de Monte Alegre, no Baixo-Amazonas, estado do Pará, e a gerência do Programa Calha Norte. Entende-se que a delimitação do escopo do problema a partir da gestão e da aplicação dos recursos do PCN e a análise das ações de infraestrutura resultantes dos convênios, evita uma análise dos possíveis conflitos latentes ou abertos provocados pelo desenho institucional das regras que regulam o jogo entre os agentes interessados na feitura dos convênios, entre as prefeituras e a gerência nacional do PCN. O método de procedimento empregado foi o estudo de caso, uma vez que a problemática em foco é um fenômeno contemporâneo, devidamente inserido na vida real. A estratégia de pesquisa utilizada compôs-se de levantamento da literatura relacionada ao PCN, na fase exploratória e pela pesquisa de campo dividida em duas etapas: na primeira etapa, realizada em Brasília, no ano de 2007, na Sede do PCN, entrevistou-se o Gerente do PCN Cel. Roberto de Paula Avelino e se optou pela técnica da entrevista não-estruturada, isto é, sem nenhuma pergunta pré-determinada, deixando o interlocutor motivado a falar livremente sobre o tema. Esta etapa foi fundamental para

identificar as impressões discursivas (embora a análise do discurso não seja aqui utilizada como opção metodológica) sobre a relevância do PCN para a segurança e defesa da Amazônia e sobre a gestão e fiscalização da aplicação de seus recursos. A segunda etapa foi realizada no município de Monte Alegre, utilizando-se um roteiro de entrevista, aplicado ao Diretor do Setor de Convênios, ator diretamente envolvido no processo de gestão do PCN. A pesquisa revelou que o modelo de gestão executado pela gerência do PCN, que obedece a critérios claros para a acessibilidade de propostas de convênios com prefeituras, prioriza a dimensão técnica na concretização das parcerias e utiliza seu quadro técnico para exercer a fiscalização necessária para o cumprimento dos prazos e lograr desempenho eficiente na execução das obras de infraestrutura financiadas pelo programa.

**O POTENCIAL INTERPRETATIVO
DOS ARTEFATOS CERÂMICOS:
A TRADIÇÃO TUPIGUARANI
NA AMAZÔNIA**

Eliane da Silva Sousa

Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Belém: Universidade Federal do Pará, 2009.

Essa dissertação discute as interpretações a respeito dos vestígios arqueológicos relacionados aos povos da família linguística Tupi-guarani, vestígios esses que foram reunidos em uma mesma tradição arqueológica denominada

Tupiguarani. A partir da releitura das fontes etnohistóricas e etnográficas que embasaram as interpretações arqueológicas, é questionado o caráter normativo da concepção de cultura que se encontra por trás da concepção do tupi-guarani como um modelo de sociedade que resiste ao tempo e aos deslocamentos espaciais que sempre caracterizaram aqueles povos. Uma vez que fontes etnohistóricas e etnográficas foram utilizadas para justificar a continuidade histórica entre os Tupi-Guarani arqueológicos e os etnohistóricos e etnográficos – examinando-se padrão de assentamento, mobilidade espacial, correlação entre língua e cultura material e identidade étnica -, são analisados os usos dessas fontes e discutidos os resultados obtidos. A partir do exame de estudos arqueológicos na Amazônia questiona-se a suposta homogeneidade e imutabilidade da cultura Tupi no tempo e no espaço.

**O COMPLEXO TUPI
DA AMAZÔNIA ORIENTAL**

Fernando Ozorio de Almeida

Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. São Paulo: MAE/Universidade de São Paulo, 2008

Essa dissertação teve como objetivo discutir sítios cerâmicos encontrados no médio-baixo rio Tocantins. A policromia encontrada na cerâmica, entre outros, guiou a pesquisa rumo aos grupos falantes da família linguística Tupi-Guarani, já bem conhecidos historicamente e etnografi-

camente para o sudeste amazônico. O diálogo entre os dados arqueológicos, a etnografia e a etno-história serviu para indicar respostas para problemas envolvendo a cronologia de ocupação dos Tupi-Guarani da região. Teriam estes chegado à área apenas como resultado do contato entre europeus e os Tupinambá do litoral, ou teriam esses grupos raízes mais profundas na área de entorno do médio-baixo Tocantins?

A tentativa de resolução desse problema foi baseada no estudo de sítios resgatados durante o período de implantação de uma linha de transmissão de energia entre as cidades de Tucuruí (PA) e Açailândia (MA), trabalho este realizado pela Scientia Consultoria Científica. A proposta visava à construção de uma cronologia obtida através da interpretação das datações dos sítios, aliada à descrição tecno-tipológica do material lítico e, principalmente, cerâmico.

As pesquisas partiram de um objeto central: o sítio Cavalão Branco. Este foi identificado na região de Marabá, em uma área de terra firme a aproximadamente 15 quilômetros da margem direita do rio Tocantins. A partir da análise da variação interna na tecnologia cerâmica desse sítio partiu-se para observar a variabilidade entre esse e outros sítios levantados na região.

Foram observadas múltiplas possibilidades quanto às diferentes maneiras de construir vasos extremamente parecidos. Da mesma forma, o estudo da variabilidade desses sítios, sempre em constante diálogo com a etnografia e etno-história, indicou também uma série de semelhanças e diferenças quanto aos diversos aspectos espaciais que

permearam, e ainda permeiam, esses grupos. Foi sugerida a possibilidade da existência de inúmeras estruturas de ocupação (ora aldeia, ora acampamento, ora área de roça, etc.) em um ou em diferentes sítios. Tais ocupações ou re-ocupações, foi sugerido, poderiam ser realizadas por um só grupo, como poderiam igualmente ocorrer por outros grupos, re-aproveitando áreas anteriormente manejadas. Por fim, indicou-se uma flexibilidade quanto ao formato das aldeias, que poderiam transitar desde uma disposição caótica, ou poderiam ser construídas de forma semelhante à de seus vizinhos (e.g. os Timbira). Tamanha gama de possibilidades levou que esse conjunto de sítios fosse denominado de “O Complexo Tupi da Amazônia Oriental”.

As pesquisas indicaram que grupos produtores de cerâmicas com inúmeros atributos tipicamente Tupinambás ou Guaranis já se encontravam na região há quase mil anos antes dos primeiros contatos com os europeus. No entanto, as análises apontaram que os sítios estudados possuíam idiosincrasias que os diferenciavam, tanto dos Tupinambás, quanto dos Guaranis.

No momento da dissertação acreditou-se que a melhor forma de denominar esses grupos era de “Tupis Amazônicos”. Tempos depois e “digerida” a dissertação pensa-se que o emprego do termo “Tupinambás Amazônicos” seja mais adequado. Isso uma vez que o termo “Tupi” poderia englobar uma série de outros grupos do tronco lingüístico homônimo, mas que não fazem parte do fenômeno expansivo Tupi-Guarani, foco de interesse dessa dis-

sertação. Assim, hoje acredita-se que a expansão do termo Tupinambá, para todos os grupos arqueológicos Tupi-Guarani, que não sejam os Guaranis, seja a melhor solução para esse entrave terminológico.

Por fim, os estudos indicaram um aprofundamento cronológico para esses grupos Tupi-Guarani rumo à Amazônia Ocidental, o que levou à sugestão de que o processo de ocupação dos grupos orientais seria fruto de ondas expansivas em um sentido oeste-leste. O fato de grande parte desses sítios terem sido encontrados em terra firme, somado à impossibilidade dessa expansão pela Amazônia meridional não possuir um grande rio como eixo, indicam um deslocamento terrestre, o que acaba contrariando modelos que tradicionalmente relacionam os Tupi-Guarani à expansão de grupos canoieiros, por grandes rios.

TERRA DA FAMÍLIA – FAMÍLIA DE TRABALHO: ESTUDO DE FAMÍLIAS AGRICULTORAS NO NORDESTE PARAENSE

Maria Batista Grings

Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural. Belém: Universidade Federal do Pará. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental, 2009.

O objetivo central deste trabalho é de analisar a reprodução social da agricultura familiar através do estudo da

interrelação entre família e trabalho em cinco famílias agricultoras no nordeste paraense (municípios de Irituia e Mãe-do-Rio). Para tal foi realizado um estudo de caso utilizando a abordagem qualitativa, onde os principais instrumentos metodológicos foram entrevistas, questionários e observações. As categorias centrais de análise são agricultura familiar, família e trabalho. As conclusões mostram que os agricultores do estudo tiveram acesso às suas terras de formas bem diversificadas: herança - com a partilha ou sem partilha da terra; regularização fundiária – através da criação de um assentamento da reforma agrária e transações comerciais – direta, através da compra, ou indireta, por troca. A principal atividade produtiva é a roça de mandioca para a produção de farinha, mas são encontradas também roças de milho e de feijão, sistemas agro-florestais, extrativismo e criação de gado bovino. A organização e realização do trabalho nos grupos estudados estão amparadas principalmente nas relações de parentesco, sendo os membros da família nuclear quem realizam quase a totalidade das atividades em três espaços: a casa – predominantemente feminina; a roça – prioritariamente masculina e; o retiro – local de trabalho de toda a família. Entre os grupos existem diferentes arranjos, mas prevalece uma divisão social do trabalho embasada em diferenças de sexo e geração, amparada nas diferenças de sexo e idade segundo a noção de serviço “leve” – passível de ser realizado por mulheres e crianças – e “pesado” – realizado exclusivamente pelos homens. Mas o que se verifi-

cou foi que na prática, tanto a noção da divisão rígida de trabalho na casa e na roça, quanto as noções de “leve” e “pesado” não se confirmam. Enfim, os grupos domésticos estudados vivem de seu trabalho na terra, de forma que esta representa para eles efetivamente o local de morada e de trabalho.